

“As aves, que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá?”: Uma autoetnografia na pandemia a partir de um triálogo entre Sul e Norte no olhar do Sul

JOÃO PAULO RESENDE DE LIMA

Universidade de São Paulo

LIEGE MORAES DO CARMO

Universidade de São Paulo

SILVIA PEREIRA DE CASTRO CASA NOVA

Universidade de São Paulo

Resumo

Esse trabalho busca registrar a trajetória de três pessoas em três diferentes locais geográficos e sociais, antes e depois do anúncio da pandemia de Covid-19. Por isso, é um triálogo. Ao contarmos nossas vivências nesse período, revivemos o medo, a incerteza e a ansiedade e retomamos o sentimento colonial de olharmos desde o sul para o norte. Nosso olhar é epistemologicamente centrado no sul, porque esse é o nosso lugar histórico e social. Mas geograficamente estamos dispersos entre América do Norte, América do Sul e Europa. Durante a pandemia, nossas trajetórias estão interrompidas, suspensas, congeladas no tempo. A possibilidade do encontro está nesse olhar epistemológico que perscruta nossa história compartilhada para buscar compreender nossas vidas interrompidas. Ao pensar em nós, pensamos em tantas vidas que esse movimento globalizante de educação tem levado a tantos lugares como parte de seu processo de formação. A globalização havia derrubado fronteiras que o vírus reergueu em constantes movimentos de isolamento. O que será depois? Por enquanto, nós nos dedicamos a registrar nossas vidas suspensas pela pandemia, em um exercício de escrevivência, para o enfrentamento cotidiano de nossa ansiedade, para que busquemos nos manter de pé. Por enquanto é tudo o que sabemos: está difícil se manter de pé, mas essa é a única opção. Caminhando sempre em frente.

Palavras-chave: Internacionalização, Identidade, Colonialidade.

1. Introdução

Nas últimas décadas com o aumento do fluxo imigratório e a intensificação do processo de globalização as universidades têm enfrentado pressões para possuírem maior presença internacional, seja por enviar acadêmicos para outros países, seja por receber acadêmicos de diferentes países (Knights, 2004). Ao considerar a experiência desses acadêmicos a literatura aponta benefícios e custos - que vão além dos financeiros.

Dentre as vantagens encontramos menções acerca da expansão do horizonte cultural e da rede de contatos (Bittencourt, Johnstone, Adjei & Seither, 2019). Acerca das desvantagens encontramos o choque cultural (Bittencourt, Johnstone, Adjei & Seither, 2019) que pode acarretar num processo de dissonância identitária (Kim, 2010; Fernando, Reveley & Learmonth, 2020) e possíveis processos de marginalização e discriminação baseados no país de origem do indivíduo (Orta, Murguia & Cruz, 2019).

Ao pensar na divisão do mundo que pode gerar tais processos de isolamento, marginalização e discriminação é preciso considerar o contexto histórico como um todo. Dessa maneira, chegamos às divisões como Norte x Sul, Primeiro x Terceiro mundo, Países desenvolvidos x Países em desenvolvimento. Tais noções decorrem do processo de colonização histórica dos países do conhecido "sul global".

Consequências desse processo de globalização são vistas até hoje por meio do conceito de colonialidade, que exprime uma constatação simples, isto é, de que as relações de colonialidade nas esferas econômica e política não findaram com a destruição do colonialismo (Ballestrin, 2013). A colonialidade se reproduz a partir de uma tripla dimensão: poder, saber e ser. Dessa maneira os países colonizadores expressam sua hegemonia nos demais por meio do poder econômico; domina ainda as maneiras de conhecimento que são legitimadas apenas as teorias que advindas do norte e por fim se estabelece como única identidade possível (Mignolo, 2003; Ballestrin, 2013). A partir desse contexto vemos que quando acadêmicos de países do sul viajam para períodos de estudo e pesquisa em países do norte o processo de marginalização e possível dissonância identitária.

Além do contexto de colonialidade e globalização encontramos hoje um contexto em que as fronteiras, relações internacionais e processos de internacionalização estão sendo redefinidos em decorrência da pandemia de Covid-19. Diante do exposto o presente trabalho visa compreender como a pandemia de Covid-19 impactou a experiência de pesquisadores brasileiros de contabilidade que se encontravam em outros países durante a pandemia. Para tal adotamos como estratégia metodológica a pesquisa etnográfica baseada na experiência de um pesquisador localizado na América do Norte, uma pesquisadora localizada na Europa e uma pesquisadora no Brasil.

A construção do corpus apresentado partiu de relatos construídos pelos próprios pesquisadores que ao mesmo tempo que escrevem para pesquisar, escrevem para fazer sentido da situação vivida e sentido de si mesmo, aproximando-se de uma escrevivência conforme proposto por Conceição Evaristo (2005). Como proposta metodológica as escrevivências são

conceituadas como uma pesquisa autobiográfica capazes de (re)produzir as subjetividades das identidades subalternas (Silva, 2015; Melo & Godoy, 2016).

Os relatos são organizados a partir de três momentos chave que (re)definiram a experiência no exterior: (i) o Antes, ou o Sonho: que conta como essa viagem foi planejada e sonhada, dentro de uma trajetória de formação; (ii) o Anúncio, ou a Tensão Retorno ou Permanência: quando foi anunciada a pandemia e começaram as medidas de isolamento, cancelamento de voos, restrição na movimentação de pessoas intra e entre países; e (iii) o Agora, Dúvidas e Medos.

2. Os relatos autoetnográficos

2.1 O antes ou o sonho

Construindo o meu caminho para Glasgow

A ideia de fazer um intercâmbio sempre foi um sonho para mim. Mas um sonho condicionado. As condições fazem referência ao meu processo de ensino-aprendizagem durante meu doutorado. Assim, o período sanduíche tinha como função ser a “cereja do bolo” de toda essa experiência.

A ideia do intercâmbio fora do país começou no dia em que eu coloquei meus pés fora de casa e me mudei para o Rio de Janeiro para fazer o mestrado. A cidade mais famosa do Brasil certamente seria um lugar agradável para se viver a primeira vez sozinha, não? Grande engano, eu nunca fui tão infeliz em uma cidade. Eu não me adaptei ao estilo de vida, a maneira como as relações sociais eram construídas (muito mais na superfície e com muitos mais conhecidos do que amigos) e toda a desgraça social pela qual aquela gente, minha gente, passava. Foram anos difíceis, mas a certeza de que Brasília estava a apenas uma hora e vinte minutos de avião sempre me confortou.

Depois do Rio de Janeiro, o doutorado em São Paulo. Tudo conforme meu planejamento. São Paulo é uma cidade feia¹, com situações sociais muito desagradáveis, mas por alguma razão, na verdade, o frio da cidade, tornaram a mudança de cidade uma opção muito interessante. Além disso, a família do meu pai é do interior de São Paulo, então eu já sabia que em algum momento da minha vida eu iria morar no estado natal do meu pai. Dito e feito, estava mais perto da minha família paterna e também a uma hora e meia de voo para a minha cidade natal (Brasília).

¹ Apesar de não caberem réplicas e trélicas aos sentimentos expressos em uma autoetnografia, permita-me discordar fortemente dessa qualificação da minha cidade natal, ecoando as palavras de Caetano Veloso para refletir a experiência de quem chega a Sampa:

"Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto
Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto
É que Narciso acha feio o que não é espelho
E à mente apavora o que ainda não é mesmo velho
Nada do que não era antes quando não somos Mutantes
E foste um difícil começo
Afasta o que não conheço
E quem vem de outro sonho feliz de cidade
Aprende depressa a chamar-te de realidade
Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso."

A questão é que em São Paulo havia uma expectativa relacionada a estudar com os cabeças da minha área, ou seja, a expectativa era enorme. A questão é que quando se tem expectativa e ela é quebrada, a queda é muito grande e se manter em pé é difícil. E foi isso que tornou São Paulo triste para mim. Ver seus heróis de perto e ver como a sua forma de pensar e a dele é completamente diferente torna triste o processo. Ver a derrocada de seus astros é dolorosa. Resumindo, a academia é um lugar apaixonante, mas ela está doente e aquilo me tornou doente. Eu ganhei mais peso, eu passei a beber mais intensamente e comecei a fumar compulsivamente. A ideia de Glasgow era a luz no fim do túnel e o mote que me fez perseguir essa ideia era a de conhecer uma academia saudável. E então eu viajei em busca de um período de cura, para me reencontrar e me entender como pesquisadora e o que eu gostaria de fazer com a minha vida. Outro importante detalhe foi que ao decidir sair em busca da aventura no antigo continente, foi preciso realocar toda a minha vida. Originalmente, sou de Brasília e minha universidade fica em São Paulo. Portanto, em poucos dias, desmontei uma vida, um lar (foram quase quatro anos em São Paulo) e ainda havia a necessidade de resolver quem ficaria com os meus cachorros para eu poder viajar. A decisão de viajar e deixar meus quatro cachorros para trás foi dolorosa, mas com o apoio da família, eu me senti segura o suficiente para viver essa experiência.

A primeira dúvida sobre essa experiência era encontrar algum pesquisador que se interessasse pelo tema da minha pesquisa. Então, em um momento muito duro da minha vida (eu havia acabado de perder meu avô materno), apresentei meu projeto de tese em um evento e, por uma questão de destino, um professor estrangeiro se interessou pelas minhas ideias.

A segunda barreira ao sonho seria a questão do financiamento da viagem. Eu não tinha os requisitos necessários para aplicar para uma bolsa de estudos, que são cada vez mais raras no nosso país. No Brasil, atualmente vivemos uma escassez de recursos destinados à educação, situação comum ao ensino básico, fundamental, médio e superior. Consegui negociar que a bolsa permanecesse e que iria utilizar economias próprias durante a viagem. O processo de visto, apesar de rigoroso e cheio de detalhes, ocorreu sem maiores problemas. Embarquei para Glasgow.

O período sanduíche em Québec como uma etapa necessária do doutorado

No segundo semestre do primeiro ano durante um evento científico conheci o professor canadense Yves Gendron que era/é uma das grandes referências da abordagem crítica de pesquisa em Contabilidade e especificamente na pesquisa sobre identidades. Ao decorrer do evento tive a oportunidade de conversar com ele sobre a possibilidade de realizar o período sanduíche na universidade em que ele leciona e sob sua supervisão. Para minha surpresa ele aceitou. O sonho parecia mais próximo, mas ainda existia a restrição orçamentária e as notícias de cortes em todos órgãos de fomento.

Ao iniciar o segundo ano de doutorado oficializei a co-orientação do professor Yves Gendron para a tese, assim, ele estaria envolvido durante todo o seu processo de elaboração. Ainda nesse começo de ano foi lançado o Programa de Internacionalização da CAPES, o

PrInt, que previa editais para doutorado sanduíche e ali vi a possibilidade de realizar o período sanduíche, de tirá-lo do papel e realmente realizar o sonho. Quando o edital foi finalmente lançado rapidamente juntei a documentação e me inscrevi para concorrer a bolsa.

Após algumas semanas da inscrição o resultado: havia conseguido a bolsa! O sonho estava cada vez mais perto de ser realizado. Agora precisava verificar as burocracias da viagem e organizar a minha partida - processos que ocorreram ao decorrer do ano todo. Em novembro/2019 obtive o visto para a partida e a passagem para o dia 13 de dezembro de 2019.

Quanto mais próximo chegava o dia 13 de dezembro, mais nervoso, ansioso e inseguro eu ficava. E se eu não me adaptasse ao frio? E se eu não me adaptasse à universidade? E se eu não me adaptasse à nova rotina? Inúmeras perguntas e preocupações passavam pela minha cabeça, mas ao mesmo tempo a vontade de realizar o sonho era maior que tais perguntas e preocupações.

Enfim 13 de dezembro. Terminei de verificar toda a documentação da viagem e então, acompanhado do meu pai, parti de Araraquara rumo ao aeroporto de Guarulhos para a noite viajar. Meu pai me deixou rapidamente na porta do aeroporto, nos despedimos rapidamente para evitar uma despedida longa e emocional que dificultaria ainda mais a viagem. Ao chegar no aeroporto encontrei com um grande amigo que havia prometido me encontrar lá para tomarmos um café antes de eu viajar - o que foi uma das coisas que mais me acalmou naquele dia.

A hora de embarcar se aproximava e o nervosismo aumentava. A cada minuto mais perto da viagem, mais o coração apertava. Além de todas as dúvidas e preocupações acerca da experiência de morar em outro país ainda havia outro agravante: tenho pavor de avião e costumo passar mal em todas as viagens aéreas realizadas. Chegou a hora do embarque e com o coração apertado, documentos na mão e ouvindo a música "Breakaway" da Kelly Clarkson embarquei.

Para minha grande surpresa a viagem foi mais tranquila do que eu esperava. Não passei mal, consegui jantar e tomar café ao decorrer do voo, assisti um filme que há muito tempo estava na minha lista. Algumas muitas horas após o embarque cheguei ao aeroporto de Toronto, primeira parte da viagem estava feita. Ao chegar no aeroporto e após todo o processo burocrático de imigração comprei um chocolate quente para esperar o próximo voo rumo a Quebec.

O segundo voo da viagem era bem mais curto, o que me tranquilizou bastante. Embarquei novamente e dessa vez dormi o curto voo inteiro. Cheguei em Quebec. Início da realização do sonho. Início dos próximos sete meses da minha vida. Início de uma nova aventura acadêmica.

Ao desembarcar em Québec senti o peso do cansaço da viagem, o nervosismo ainda maior, mas para minha sorte e felicidade a Silvia estaria lá me esperando para me dar todo o suporte necessário no primeiro mês. A primeira percepção ao chegar em Québec foi relacionada ao clima: saí de São Paulo de um calor escaldante - que me obrigou a levar uma troca de roupa do trajeto de casa até o aeroporto - para uma cidade que estava nevando e com uma temperatura de -14 Graus.

Fomos para o apartamento que passaria meus primeiros dias, me instalei no apartamento e após isso fomos almoçar. Passei o dia com a Silvia e com a Bibi conhecendo o bairro em que moraria, recebendo inúmeras dicas de lojas: o que era necessário comprar naquele momento, onde comprar, quanto comprar, etc. A noite fomos jantar na casa de amigos brasileiros. No dia seguinte o Yves foi me buscar cedo para irmos às compras das minhas roupas de inverno. Ao chegar no meu apartamento ele verificou todas as roupas que eu havia comprado no Brasil para que pudéssemos definir uma lista do que comprar. Fizemos as compras e posteriormente tomamos um chocolate quente no centro da cidade. Após o chocolate quente Yves me mostrou alguns pontos do centro da cidade e me levou de volta ao apartamento.

Durante a primeira semana me registrei na universidade, estava me acostumando ao novo clima, à nova casa, à nova cultura. Tudo estava melhor que o esperado, a experiência de morar em Québec estava fantástica. Até que então ainda em dezembro começaram os primeiros casos da Covid-19 na China. Tais casos foram se espalhando, chegaram à Europa e pelo decorrer da situação logo chegariam à América.

2.2 O Anúncio da pandemia: ficar ou retornar

A chegada em Glasgow e o agravamento da pandemia

E quando este sonho começa a se tornar realidade, vem uma pandemia e tira isso de mim. De nós todos que somos brasileiros, e sonhamos sobre como a vida é no estrangeiro. A chegada a Glasgow acompanhada da incerteza sobre a adaptação a cidade, clima e um possível choque cultural já eram variáveis que eu tinha alguma ideia que poderiam surtir algum efeito negativo no intercâmbio. Portanto, antes de partir do Brasil, eu sempre imaginava que quando estivesse no estrangeiro, eu deveria me preparar mentalmente para a distância, para a saudade e para a vontade de ir embora. Uma coisa era certa: a partir do dia em que Glasgow não fosse mais uma novidade e a vontade de retornar ao Brasil se tornasse quase insuportável, aí sim, meu intercâmbio havia finalmente começado.

Cheguei a Glasgow e as coisas começaram a andar até que a pandemia se instalou, a quantidade de mortes só subindo e subindo e agora? Volto? Não volto? De jeito nenhum. Eu prefiro morrer aqui sozinha do que retornar ao Brasil. Esse pensamento quase fez minha mãe enfartar, ela disse que eu estava louca, mas eu finalmente comecei a me sentir melhor estando longe e não iria desistir facilmente. A questão então se tornou: mas se agarrar a que? A universidade está fechada, as reuniões são todas virtuais, para que ficar? O que estou fazendo aqui? E aí, o coração apertou. Ufa, meu intercâmbio começou pois só penso em voltar. A estada aqui em Glasgow tem sido uma vida em suspenso em que eu começo a pensar: o que estou fazendo aqui? Será que eu estou no purgatório? Nem lá e nem cá. Então, onde eu estou? E ainda não posso parar de produzir. A vida está em suspenso, mas não a cobrança além mar para que eu continue produzindo. É uma sensação estranha. Teoricamente, basta sentar a bunda na cadeira e mexer os dedos no teclado. Na prática, é um grande desafio em que se perder a noção do tempo, da alimentação, se tomei ou não banho.

Depois de uma boa chegada, a pandemia chega ao Québec

Como consequência do vírus se espalhar rapidamente e facilmente, no dia 11 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o vírus como uma pandemia e o mundo todo começou o processo de enfrentamento ao vírus declarando períodos de quarentena, lockdown e isolamento social. A realização de um sonho então se tornava uma crise mundial. A experiência maravilhosa que foi cuidadosamente planejada e estava sendo intensamente vivida se tornava um período de grande ansiedade, insegurança e instabilidade.

Após a declaração da pandemia a universidade em que eu estava locado definiu que as aulas deveriam passar para a modalidade remota, assim, a disciplina que fazia presencialmente passou a ser realizada por Skype. Em decorrência do isolamento social, a universidade também tomou a decisão de esvaziar a residência estudantil - local em que eu habitava - para diminuir os riscos de contaminação. Receber o e-mail pedindo que encontrasse um novo local para morar num sábado de manhã no meio de uma pandemia foi uma situação de grande estresse e desagradável. Junto com esse e-mail recebi a notícia que os vôos entre o Canadá e o Brasil seriam paralisados ao final daquela semana. Me encontrava num dilema: devo ficar ou devo voltar pra casa? A decisão precisava ser tomada rapidamente já que os vôos logo seriam paralisados.

Decidi ficar. Uma grande amiga brasileira encontrava-se na mesma situação, contudo, já possuía planos de mudar da residência para um apartamento e propôs que eu me mudasse com ela para esse apartamento. Começamos a organizar a mudança tomando todos os cuidados possíveis para evitar qualquer chance de contato com o vírus.

Mudança feita, mas ainda precisávamos encontrar móveis para o apartamento, nos ajustar à nova rotina, nos ajustar à ansiedade e insegurança trazida pela pandemia. Nas semanas que seguiram os principais sentimentos eram o de saudades de casa, o de ansiedade e o de inquietude. Todos esses sentimentos eram potencializados ao analisar a situação do Brasil: casos crescendo exponencialmente, governo omisso, população descuidada e sistema de saúde entrando em colapso. Olhar essa situação me preocupava muito, pois minha família e amigos se encontravam no meio desse caos.

Além das todas as preocupações já descritas, em maio começou uma nova: minha bolsa está acabando. Ao finalizar o recebimento da bolsa, logo deveria voltar para casa, pois não teria como me manter por muito tempo em um país cuja moeda está valendo quatro vezes mais que o real. Em maio então começara uma nova saga: tentar a prorrogação da bolsa para estender minha estadia em Quebec. Como se não bastasse toda a ansiedade já vivida, mais uma preocupação - agravada pelos vôos para o Brasil ainda estarem paralisados até o final de junho.

2.3 O Agora, Dúvidas e Medos

Onco tô? Onco vô? (onde estou e para onde vou, escrito a partir da maneira como se fala em Goiás)

Com a chegada do vírus ao Brasil e a situação do *lockdown* em Glasgow, a única certeza é que não temos certezas. A vida está em suspenso, a regulação do que é dia ou noite

se perdeu, assim como o entendimento sobre em qual fuso eu estou. Outro detalhe que tornou a experiência muito mais real foi a decisão de retirar a medicação que passei a tomar durante o doutorado e a insônia é minha companheira. Além disso, o cigarro já está fora da minha vida. Desde que cheguei aqui, a vontade de fumar cessou. Claro que há dias que eu lembro do pito, mas em geral, é algo que não me atormenta mais. Outro detalhe é que não tenho mais regularidade no sono e tudo bem. A tese anda a passos lentos e a única coisa que eu faço, todo dia um pouquinho. Espero que esse pouquinho no final do prazo acabe se tornando o necessário para eu me formar. Espero rever minha família e meus cachorros, espero não morrer (de COVID 19 ou de saudade). Sigo em frente, pois é o único caminho.

22 de maio de 2020: (in)certezas

Uma das coisas inevitáveis da vida que sempre me desagradou foi o incerto. Nunca gostei de coisas que TALVEZ dessem certo, que TALVEZ não dessem certo. Entre todas as incertezas da vida, sempre me agarrei às coisas certas. Sempre os mesmos pratos nos mesmos restaurantes, o mesmo corte de cabelo, o mesmo estilo de roupa. Mudança e incerteza nunca foram meus fortes, sempre fui “básico como azulejo branco”.

Talvez essa aversão às incertezas e mudanças que estejam causando tanta ansiedade durante essa pandemia, afinal de contas, a única certeza que temos durante todo esse período é de que não há data exata para retornarmos ao que conhecíamos como normal. Estar em outro país durante esse período aumenta ainda mais as incertezas, afinal de contas, é adicionar as incertezas da pandemia num período de mudança.

Como dito anteriormente todo estresse, ansiedade e preocupação começara a se agravar em maio conforme minha bolsa entrava na reta final e entrava em jogo a incerteza de conseguir uma bolsa canadense ou quiçá a prorrogação da bolsa brasileira. Nesse furacão de incertezas e ansiedades eu tinha um porto seguro: minha passagem de volta para o Brasil. A certeza que o voo não havia sido cancelado, que se nenhuma das bolsas dessem certo eu teria como voltar para casa. Mas essa certeza se findou no dia 22 de maio de 2020.

Nas últimas semanas já havia pensado em adiantar a passagem do dia de 09 de julho para a segunda quinzena de junho, afinal de contas já teria os resultados das bolsas e caso algum deles fosse positivo poderia remarcar a viagem de volta para o final do ano, mas caso fossem ambos negativos poderia voltar para casa em meio ao caos e ao furacão da crise sanitária, política e econômica que o Brasil passa.

Ao pensar em adiantar a passagem passei a acompanhar a disponibilidade das passagens por meio da ferramenta Google Flights, até que ao decorrer da semana do dia 22 de maio percebi que as passagens para o mês de junho não apareciam mais na ferramenta. Primeiro pensei que teriam todas sido vendidas, mas depois me questionei como isso poderia acontecer durante essa pandemia em que a recomendação é evitar viagens que não sejam extremamente necessárias. Inquieto com a situação fui verificar o status do voo no site da companhia aérea, assim como o status das atividades da companhia aérea entre Brasil e Canadá.

O site deixava bem claro: todas as operações entre Brasil e Canadá estavam canceladas até 02 de agosto. Ainda incrédulo teimeei em checar o meu voo do dia 09 de julho, afinal de

contas, poderiam estar cancelando novos voos e mantendo os já marcados/comprados. Foi então que minha certeza foi por água abaixo: meu voo havia sido cancelado. Um turbilhão de pensamentos e emoções. Não sabia como reagir. Não sabia o que fazer.

Imediatamente compartilhei com a amiga morando comigo para ver se o site não estava errado, se aquilo não passava de um pesadelo ou de um terrível engano. Realmente os voos estavam cancelados. Me segurei para não chorar. Me segurei pra não desabar. Em dois minutos conversando sobre como era incabível a única empresa aérea responsável pelos voos diretos entre Brasil e Canadá fazer isso todas as emoções transbordaram junto com as lágrimas que escorriam pelo rosto. O sentimento de desespero era maior que todo e qualquer resquício de calma ainda existia durante o caos de incertezas.

Até 02 de agosto meu dinheiro terá acabado. Até 02 de agosto meu visto terá vencido.

O primeiro pensamento: não posso compartilhar essa preocupação com meu pai, ainda mais com o estado de choque que estou. Não posso adicionar essa carga de preocupação pra ele que já está(va) contando os dias para que 09 de julho chegasse eu pudesse embarcar rumo à minha casa. Ao decorrer do dia assisto a banca de defesa de dissertação de um amigo, tenho uma reunião por skype, tento conversar com amigas para compartilhar o sentimento de desesperança e desamparo. Tento pensar em possibilidades.

Ao decorrer do dia escrevo e-mails para a universidade, para o consulado. Choro novamente. Não tenho ânimo para escrever os artigos que já estão atrasados. Tento participar de mais uma reunião virtual, não durou mais que 15 minutos e peço para sair da reunião, pois estava prestes a tornar a chorar novamente. Faço o jantar, assisto séries para distrair e decido sentar para escrever e tentar processar o dia de hoje. Choro novamente.

2.4 Eu lá e ele aqui, ela aqui e eu lá, eu aqui e eles lá

A chegada e a recepção no Québec

Acordei ansiosa. Era hoje o dia da chegada. Tudo corria tão bem, tudo havia sido tão fácil. Mesmo em meio a tantos cortes de recursos e cancelamentos de bolsas, a vinda de JP havia sido tranquila, do visto à aprovação dos recursos. Hoje ele chegaria ao Québec e eu queria estar no aeroporto para lhe dizer olá! Saio de casa e tenho que retornar porque a chuva de gelo fizera caminhar impossível. Decido chamar um Uber ao invés de pegar o ônibus que eu havia pesquisado tão cuidadosamente. "Tudo bem", penso, "a gente tem que se adaptar às circunstâncias. Tenho que ser mais flexível. Não há problema."

Hoje, olhando para trás, penso se o *verglass*, como chamam a chuva de gelo por lá, não era um prenúncio: não tem sido fácil mantermo-nos de pé nessa aventura que iniciou naquele dia. Ele chegou no Québec, eu voltei para o Brasil e veio a pandemia. A vida é imprevisível como o *verglass*, mas a gente se fala muito e tentamos nos manter de pé.

Talvez o dia mais tenso tenha sido quando foi anunciada a necessidade de deixar o alojamento estudantil. A comunicação oficial informava que o sistema de ar central trazia riscos de contágio para as pessoas. Ele me liga imediatamente: "Sil, eu quero voltar!" Faço algumas perguntas. Ainda há pouca informação. Pergunto de Mery e de Urbano, amigos que também estão por lá e moram na residência. Combinamos de conversar novamente no dia

seguinte para decidir. Está difícil se manter de pé. O chão escorrega muito. Não seria o risco do contágio na viagem de retorno o maior perigo? Seria melhor ficar? Mas, ficar aonde? Era a hora de voltar? Está difícil nos manter de pé no *verglass*.

A retomada da ideia de um período em Glasgow

Estamos ansiosas, tudo parece incerto, o processo se arrasta, conversamos frequentemente por WhatsApp e por telefone para decidir o que fazer no próximo movimento. Temos que retomar o contato com o Greg, perdido desde Bogotá quando traçamos a trajetória para esse período de pesquisa no exterior, em Glasgow, o estágio sanduíche no doutorado. Mas é final de ano e não é a melhor época para iniciar um processo. Decidimos tentar, estamos ambas ansiosas. Além disso, eu estou no Québec e Liège, bem Liège está em vários lugares, sempre em movimento, entre Brasília, o interior do estado de São Paulo e a cidade de São Paulo.

Montamos uma estratégia: primeiro preencher os papéis para dar início ao processo de solicitação da carta-convite; enquanto isso pesquisar todo o necessário para solicitar o visto; finalmente, formalizar a ida para Glasgow junto à pós-graduação da USP. Precisamos para isso lidar com os diferentes processos, o que nos traz muita ansiedade. Além disso, Liège tem que pensar em com quem deixar os cachorros (são três, e cada um tem uma particularidade); devolver o apartamento em São Paulo; despedir da família; providenciar a viagem. No meio do processo, eu volto ao Brasil.

Ainda antes da ida, em meio ao Carnaval, nós nos encontramos: é a despedida. Liège seguirá de carro com a mudança para São Carlos, despedir da avó e do pai, e depois rumo a Brasília, para encontrar com a família da mãe. É o começo de sua trajetória para o Norte.

Na bagagem, quando enfim embarca, vão muitas máscaras. A mãe, dentista, já está preocupada com o que se tornou depois uma pandemia. Ela já sabia. E quando a crise de fato ganha proporções, ela me liga e me pergunta: "Não é hora de Liège voltar?" Como responder essa pergunta? A ansiedade é grande, mas Liège quer voltar?

A universidade se adapta rapidamente?

Com a pandemia, as universidades precisam rapidamente se adaptar. Aulas presenciais suspensas? É hora de construirmos possibilidades de ensino remoto. Conferências migram para o formato online. Equipes de pesquisa se comunicam por Zoom ou GoogleMeet, com a presença em laboratórios estando limitada em número de pessoas. As sessões de orientação também adotam a tecnologia na interação. Mas e o que fazer com os estudantes internacionais?

Apesar de estar há muitos anos com foco na internacionalização, na Universidade de São Paulo houve um silêncio quanto a condução de casos de estudantes brasileiros no exterior. A comunicação com as agências de apoio à pesquisa também se fez no caso-a-caso, com cada pessoa acessando a orientação do analista responsável pelo seu processo.

Sem dúvida essa forma de tratar o assunto, trouxe muita ansiedade para as pessoas, que precisavam de informações e apoio para tomar decisões. Como pontuam os nossos relatos, as decisões foram tomadas em conjunto, mas ao mesmo tempo, individualmente.

Não foi a regra, no entanto: outras universidades organizaram esforços de repatriação de estudantes no exterior assim que houve o agravamento da situação da pandemia. Ou seja, a experiência nos permite refletir sobre formas distintas de encaminhar os procedimentos em situações imprevistas.

Outro ponto a refletir, fruto das diversas indagações que temos feito, é qual a instância a atender os estudantes brasileiros no exterior: É a pós-graduação ou é o escritório internacional? É o escritório internacional central ou o da unidade? De uma impressão de que, mesmo havendo muitas instâncias envolvidas, ainda assim fez-se um vácuo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses relatos autoetnográficos dão conta das experiências vividas por dois doutorandos, que estão em um período de pesquisa no exterior, e sua orientadora, que os acompanha à distância do Brasil, durante a pandemia de Covid-19. Com a globalização, fluxos de pessoas em formação por todo o mundo se tornaram constantes. Estudantes internacionais são parte relevante da vida universitária na maior parte das instituições de ensino superior do mundo. No Brasil, políticas públicas sustentadas no tempo estimularam o envio de estudantes em diversos níveis de ensino para o exterior, como parte de seu programa de formação, sendo uma das mais importantes o Ciência sem Fronteiras.

Diversas pesquisas têm se dedicado a aprofundar o conhecimento sobre processos de adaptação dos estudantes internacionais e em compreender o impacto que o período no exterior tem em sua trajetória profissional posterior. No entanto, apenas nesse momento imprevisto e grave é que podemos nos dedicar a entender a trajetória daqueles e daquelas que tiveram a sua experiência fortemente afetada pela pandemia de Covid-19. É como um teste de choque no sistema que nos permite levantar diversas questões: Estarão as instituições preparadas para acolher e apoiar estudantes internacionais durante a pandemia? Como os governos conduzirão processos de repatriação? Neste trabalho tratamos das experiências de três pessoas que tiveram as vidas suspensas pela pandemia.

Referências

- Ballestrin, L. (2013). América Latina e o giro decolonial. *Revista brasileira de ciência política*, (11), 89-117.
- Bittencourt, T., Johnstone, C., Adjei, M., & Seithers, L. (2019). "We See the World Different Now": Remapping Assumptions About International Student Adaptation. *Journal of Studies in International Education*, 1028315319861366.
- Evaristo, C. (2006). *Becos da memória*. Belo Horizonte: Mazza.
- Fernando, M., Reveley, J., & Learmonth, M. (2020). Identity work by a non-white immigrant business scholar: Autoethnographic vignettes of covering and accenting. *Human Relations*, 73(6), 765-788.

- Kim M (2010) Transnational academic mobility, knowledge, and identity capital. Discourse: Studies in the Cultural Politics of Education 31(5): 577–591.
- Knight, J. (2004). Internationalization remodeled: Definition, approaches, and rationales. *Journal of Studies in International Education*, 8, 5-31.
- Melo, H. F., & de Godoy, M. C. (2016). Escrivência e produção de subjetividades: reflexões em torno de “Olhos d’Água”, de Conceição Evaristo. *Signótica*, 28(1), 23-42.
- Mignolo, W. (2003). *Historias locales/disenos globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Madrid: Akal.
- Orta, D., Murguia, E., & Cruz, C. (2019). From struggle to success via Latina sororities: Culture shock, marginalization, embracing ethnicity, and educational persistence through academic capital. *Journal of Hispanic Higher Education*, 18(1), 41-58.
- Silva, G. A. (2017). Ateliês autobiográficos: escritoras de Alagoinhas e suas escrituras. *Grau Zero*, 3(1), 99-116.